

**21º CONGRESSO INTERNACIONAL ABED DE EDUCAÇÃO A
DISTÂNCIA**

CAPTAÇÃO DE IDEIAS

De: Vânia Jerusa Simões

***E-mail:* vaniajsimoes@hotmail.com**

“Se eu fosse Ministro da Educação, eu faria o seguinte, a propósito da EAD...”

Caso eu fosse o ministro Renato Janine Ribeiro, eu promoveria campanhas para popularizar a Educação a Distância (EAD). Mostraria à sociedade brasileira algumas das inúmeras vantagens que essa fascinante modalidade de ensino propicia e que, infelizmente, muitos ainda desconhecem.

Para conquistar corações e mentes, o meu argumento de campanha seria o papel estratégico da Educação a Distância, na medida em que consegue alcançar lugares e pessoas que a modalidade presencial não atinge. Segundo o MEC, 66% dos municípios brasileiros não têm ainda oferta de ensino superior. Como o Brasil é um país de dimensões continentais, a EAD é, portanto, a modalidade ideal, já que pode romper barreiras e distâncias e garantir a expansão, interiorização e democratização da educação.

Para influenciar os públicos-alvos da minha campanha, usaria a informação de que em alguns países de primeiro mundo a EAD, por obter resultados mais significativos em relação aos que passaram pelo ensino presencial, desfruta de credibilidade e respeito. No Canadá, por exemplo, as empresas já preferem contratar um profissional formado na Educação a Distância. Isso porque geralmente tem mais autonomia, engajamento e proatividade, exatamente o que as empresas querem hoje - os que sabem cuidar da própria carreira, que perseguem resultados e assumem novas responsabilidades. Apresentaria também uma pesquisa realizada na Alemanha, com profissionais com 30 anos de formados, que revela que os alunos que fizeram engenharia a distância ocupam posições superiores aos seus colegas da educação tradicional.

Para transformar indiferença em motivação, eu destacaria que a EAD constrói novas formas de ensinar e aprender porque harmoniza: pedagogia diferenciada; diversificação cultural (pessoas e lugares); autonomia; familiarização com as novas tecnologias; flexibilidade (Onde estudar? Quando estudar? Em que ritmo?); apoio de conteúdos digitais adicionais; mudança de paradigma, que envolve indivíduos e instituições (o aluno deve aprender que grande parte da responsabilidade sobre a aprendizagem está em suas próprias mãos); e comunicação bidirecional (aquela em que há o diálogo tutor-aluno, diferente do sistema convencional no qual, em sua maioria, o professor fala mais e o aluno ouve).

Para transformar a força da sociedade organizada em ferramenta de mudança, eu chamaria a atenção para o fato de que, com as novas tecnologias, a construção do conhecimento não é mais a mesma. Os ambientes formais de aprendizagem, como a escola, não têm mais exclusividade na transmissão do “saber”. Convocaria a sociedade a refletir sobre a necessidade de ressignificações de alguns conceitos sobre aluno, professor, escola, educação, ensino de qualidade, currículo e avaliação.

Para atingir resultados que não seriam alcançados de outra forma e fazer com que certas ideias ou comportamentos sejam adotados, é preciso disseminar informações. Muito do que já foi conquistado na educação presencial é resultado de alguma exitosa campanha.

O governo deve implantar um conjunto de ações integradas, de grande visibilidade, com o objetivo de atingir distintos segmentos de públicos e, assim, dar a EAD a posição de destaque que, de fato, merece no cenário brasileiro.